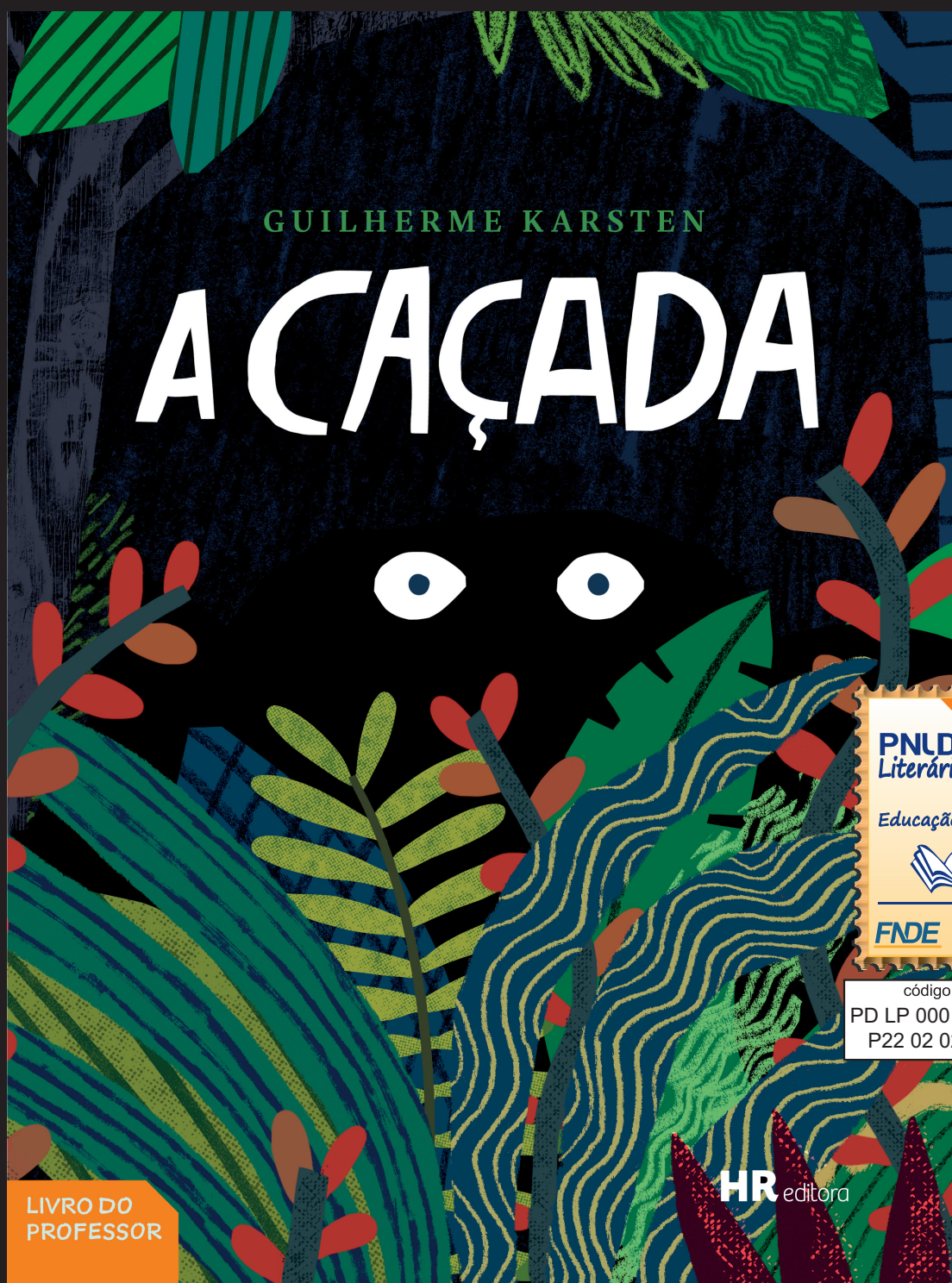


MATERIAL DIGITAL DO LIVRO DO PROFESSOR



LIVRO DO
PROFESSOR

PNLD
Literário

Educação Infantil



FNE MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

código do livro
PD LP 000 204 - 0348
P22 02 02 000 000

HR editora

EQUIPE PEDAGÓGICA:
REBECA ALBUQUERQUE
E TÂMARA BEZERRA



FICHA TÉCNICA

*Todos os direitos desta publicação são reservados à Editora HR Ltda.
Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.*

Título: A Caçada

Ano: 2021

Edição: 1ª Edição

Autor e Ilustrador: Guilherme Karsten

Editora: Editora HR Ltda.

Gênero literário: Narrativos: fábulas originais, da literatura universal e da tradição popular, etc.

Temas: Aventuras em contextos imaginários, dinâmica e ambiência natural

Categoria: Creche II

Autoria do Material Digital do Professor: Rebeca Albuquerque e Tâmara Bezerra

Editora HR Ltda

Rua da Quitanda, nº. 86, sala 218, Centro - Rio de Janeiro/RJ. CEP: 20091-005.

SUMÁRIO

- I — De professor para professor **4**
(Uma carta para dialogar com a professora ou o professor)
- II — História, pra que te quero? **6**
(Teoria literária)
- III — Conhecendo um mundo de histórias **8**
(Contexto do escritor e ilustrador)
- IV — Vem que eu leio uma história! **9**
(Estratégias de interação verbal)
- V — Ouvindo, vendo e vivendo a história **14**
(Leitura dialogada)
- VI — A história e seus múltiplos campos de experiência **16**
(Modelagem da aula)
- VII — Conta de novo: uma história de afetos em família **18**
(Literacia familiar)
- VIII — Para fecharmos a roda com referências bibliográficas **20**
- IX — Para (não) concluir: leituras complementares **24**





I – DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

(UMA CARTA PARA DIALOGAR COM
A PROFESSORA OU O PROFESSOR)

Professora, professor,

A escrita deste material é movida pela alegria da possibilidade de estabelecer um diálogo sobre as palavras encantadas que podem ser proferidas por você, mediador de leitura, principalmente, da janela que vislumbra a conquista afetiva de novos leitores literários.

Ao ler a história do livro *A caçada*, de Guilherme Karsten, você poderá despertar percepções plurissignificativas a partir do repertório de cada criança, certamente favorecidas pela entonação da sua narração. Isso será possível porque essa narrativa curta, além de provocar a imersão no contexto narrado, também surpreenderá com o final inusitado e divertido.

A atmosfera de suspense apresentada pela história amplia-se a cada página, que apresenta diferentes animais em fuga desesperada, em razão de uma suposta ameaça. As expressões apreendidas a partir da ilustração de cada um remete o leitor, de forma empática, tanto ao medo que cada animal demonstra quanto à curiosidade por conhecer a origem de tal ameaça. Inicialmente induzida pelo que sugere o próprio título, a criança é levada a imaginar que todos estão correndo para salvar-se de um provável caçador, suposição que só poderá ser confirmada ao final da narrativa.

A apreciação da obra por meio da leitura em voz alta para as crianças será ampliada pelo diálogo direto com as ilustrações de cada trecho. Ler e mostrar as imagens durante a leitura torna-se uma oportunidade plural para a ampliação do repertório literário dos pequenos leitores, com muitas possibilidades de surpreendê-los a partir do contato com uma obra criativa, que foge de estereótipos e inova seu percurso narrativo de forma bem-humorada. Toda essa vivência provocada pela atmosfera de curiosidade e humor permitirá, com certeza, voos literários surpreendentes.

Contribuir com o trabalho de mediação de leitura de obras literárias por meio do encantamento de palavras, movido, principalmente, pelo desejo do fortalecimento da arte literária, é importante para garantir a permanência da magia das palavras no universo infantil dos leitores literários emergentes: crianças bem pequenas. Para formar crianças que gostem de ler e vejam, na leitura e na literatura, uma possibilidade de divertimento, Gládis Kaercher (2001) destaca que é

preciso ler com alegria, por diversão; brincando com o texto, discordando, desejando mudar o final da história, enfim, costurando cada leitura, como um retalho colorido, à grande colcha de retalhos – colorida, significativa – que é a nossa história de leitura.

Costurando essas histórias, que possibilitam acreditar e realizar tudo ou quase tudo, é possível propor momentos preciosos para as crianças: ler a história ou recontar a história com estratégias de oralização e interação verbal.

A proposta aqui apresentada faz um convite à experiência de passeios por paisagens literárias por meio de leituras dialogadas, textos e imagens que mostrando a vida humana a partir da experiência vivida pelos personagens, revelando ao leitor o mundo plurissignificativo da literatura, ou seja, trata-se de mais uma forma de fortalecimento de vínculos pelo princípio da humanidade, mediada pela palavra com a criança bem pequena.

Nessa relação, por meio do livro do Guilherme Karsten, convidamos você, professor, a um passeio literário que acontecerá desde a primeira palavra do texto: corra. Corra para conhecer e apresentar essa divertida e surpreendente história para suas crianças!



II – HISTÓRIA, PRA QUE TE QUERO?

(TEORIA LITERÁRIA)

*Tanta história, tanta coisa bonita
tudo ali, ao alcance das mãos
a leitura a levava a qualquer parte
de mãos dadas com a imaginação.*

Gustavo Finkler

Até hoje, comunidades tradicionais narrativas contam histórias, porém, no contexto atual, as partilhas narrativas acontecem em situações sociais diferentes daquelas em que os ouvintes não eram separados por idade. Portanto, a ancestralidade narrativa nos lembra que o conceito de literatura infantil é recente.

Compreender a literatura oral como gênese de todo o acervo literário da humanidade nos conduz à importância do estabelecimento de uma relação das crianças da sociedade contemporânea com o universo literário, por meio da oralidade. Esse contato íntimo e vincular costuma ser promovido até hoje, seja por meio da escuta de histórias contadas de memória seja por meio da leitura em voz alta por um sujeito que apresenta esses textos de forma envolvente e comunicativa.

Segundo Nelly Novaes Coelho (1997, p. 24), “A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”. O argumento da autora nos ajuda a compreender que os textos literários, orais e escritos, criados ou adaptados para o universo infantil, narram a vida humana e pertencem ao grande legado da humanidade. Por essa razão, merecem que o contato desde a mais tenra infância seja promovido por situações vinculares, em especial por meio da escuta desses textos, embalada pela voz de um educador comprometido com os aspectos de literacia¹ e vinculado ao universo das palavras encantadas que a literatura é capaz de acessar.

Nesse acesso, existe a oportunidade de sugerir a experiência de narrar oralmente para grupos de ouvintes no espaço escolar, em especial para bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas, desde a escolha de textos de qualidade expressiva, bem como o preparo para sua apresentação, que passa por compreender a melhor forma de apresentar palavras e imagens, a partir da tomada de consciência do professor-narrador.

1. O conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita e sua prática produtiva.

O papel fundamental da figura desse professor-narrador oral, mais especificamente que lê em voz alta para crianças, pode ser identificado na obra de Roger Chartier (1996, p. 89), quando o autor afirma tratar-se de “uma figura marcante em toda história da leitura”. Percebe-se que a oralidade guarda, em sua essência, um saber ancestral que só resiste pela palavra viva, ou seja, a atuação do sujeito que lê em voz alta. Chartier (1996, p. 89) afirma que o pai, a mãe, o educador são “figuras orais que estão historicamente presentes na vida das crianças, mediando o acesso à leitura e à mensagem do texto”. Segundo ele, essas figuras orais contribuem de maneira específica para o desenvolvimento das habilidades de leitura e compreensão dos textos por parte das crianças.

Chartier (1988, p. 143) revela o papel fundamental de se ouvir leituras em voz alta, visto que “alimenta uma relação entre o leitor e a comunidade dos próximos”. O autor afirma que “a leitura em voz alta alimenta o encontro com o outro, sobre a base da familiaridade, do conhecimento recíproco, do encontro casual, ou ainda, para passar o tempo” (1988, p. 143). A partir dos argumentos, a ampliação de situações de leitura em voz alta, em práticas escolares, deve ser associada à fruição e à convivência.

Essa experiência leitora configura-se como excelente oportunidade para que as crianças adquiram diversas habilidades referentes ao uso social da língua, os aspectos de sua composição linguística, como seus valores fonológicos, e habilidades metalinguísticas, a exemplo da consciência fonêmica² e da consciência fonológica.³

Escrito em diálogo direto com os objetivos pedagógicos e metas preceituadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o presente material aponta a relevância da leitura da obra literária de forma que as crianças bem pequenas possam “passear” por uma história, conhecer personagens, paisagens e acontecimentos presentes na narrativa e para além delas; sempre partindo de um investimento no potencial empático que um texto literário possui.

2. Habilidade da comunicação oral que consiste em conhecer e manipular intencionalmente as menores unidades fonológicas da fala, os fonemas e os sons que constituem aspectos da comunicação.

3. Habilidade mais abrangente da comunicação oral, que inclui a identificação e a manipulação intencional da linguagem oral, tais como palavras, sílabas, aliterações, rimas e outros sons.



III – CONHECENDO UM MUNDO DE HISTÓRIAS (CONTEXTO DO ESCRITOR E ILUSTRADOR)

Ao redor da árvore, outras crianças faziam uma ciranda. Essas não sabiam ler. Por que estavam alegres e dançavam? Era porque tinham certeza de que a sua vez chegaria. Todas, uma por uma, iriam ser alfabetizadas e, muito mais que alfabetizadas, carinhosamente introduzidas, por mãos amigas, no mundo mágico da leitura.

Fernanda Lopes de Almeida

Era uma vez um menino chamado Guilherme Karsten que nasceu em 1982, em Blumenau, em Santa Catarina, no sul do Brasil. O menino ficou adulto, vive lá até hoje e trabalha brincando com palavras e imagens. Ele escreve e ilustra livros para crianças de todas as idades. O leitor de Guilherme é convidado a mergulhar em um universo lúdico, em que palavras formam imagens na cabeça de quem lê e ouve sua história, já as imagens que ele desenha, só faltam falar! Seus livros são publicados na América Latina, na Europa e na Ásia. Além das próprias obras, Guilherme também ilustra livros para outros escritores.

Em 2019, Guilherme Karsten ganhou dois importantes prêmios internacionais: na categoria Placa, da Bienal de Ilustração da Bratislava (BIB), onde foi o único brasileiro premiado; e o Golden Pinwheel, da Feira Internacional do Livro Infantil de Xangai (China), com o livro *Aaahhh!*.

Sugerimos que, além de conhecer *A caçada*, também procure ler a obra *Aaahhh!*. Outra sugestão é visitar o site do autor (www.guilhermekarsten.com) e descobrir mais sobre seus outros trabalhos, bem como a potência de sua criação plural, que revela a valorização de uma infância repleta de simbolismo e significado. Seus livros representam um convite ao trabalho do mediador de leitura que partilha ilustrações e lê textos em voz alta, para que as crianças possam voar.



IV – VEM QUE EU LEIO UMA HISTÓRIA! (ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO VERBAL)

A leitura aciona uma cadeia humana em direção à imaginação. Posso ler deitada, sentada, em qualquer lugar, pelos mais variados motivos, mas faço sempre parte de um todo, sou um elo que ajuda a compor mundos e construir liberdades.

Vera Aguiar

Para a leitura de uma história, há uma interação leitor-texto, a partir do comprometimento do educador enquanto mediador, ou seja, um processo de busca por elaborar propostas plurais pensadas para a promoção da leitura de obras literárias com crianças, que, estando em processo de letramento, encontram na narração oral um espaço de acesso às obras.

A BNCC destaca que se deve dar especial atenção aos recursos da narração oral,⁴ uma vez que eles cativam e convidam o ouvinte-leitor para a exploração criativa dos textos literários.

Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); à polifonia própria das narrativas, que oferece níveis de complexidade a serem explorados em cada ano da escolaridade; ao fôlego dos textos (BNCC, 2017, p. 138).

Podemos afirmar que, entre o livro e o leitor literário em processo de formação, existe um agente muito importante chamado mediador de leitura, responsável por provocar o desejo pelo livro. É o condutor da viagem que leva à satisfação com uma história, e quem fará dessa ação uma atividade de pleno favorecimento da interação social vivenciada por meio de experiências coletivas com a leitura e

4. Recursos performáticos adotados pelo contador de histórias, seja ele tradicional, seja artista, que envolve a sonoridade das palavras, a expressividade gestual e as múltiplas competências empáticas e relacionais desses narradores orais.

a compreensão dos textos. Dessa forma, aqui sugerimos estratégias para interação verbal, por meio da oralização de livros realizada por professores de crianças pequenas, de forma que possam ouvir, ver e viver essas obras.

O livro *A caçada*, ilustrado e escrito por Guilherme Karsten, é um texto extremamente envolvente para pequenos apreciadores. Logo na capa, percebe-se o convite para uma atmosfera de suspense.

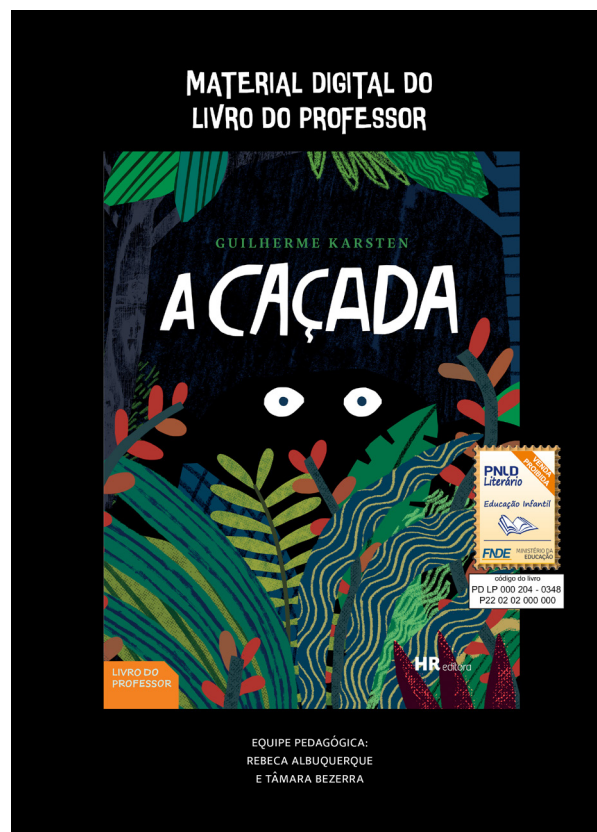
A brincadeira da ausência de luz da ilustração já começa por gerar a dúvida a respeito dos olhos que se destacam na penumbra, seriam eles da caça ou do caçador?

A obra inicia curiosamente com a palavra: “corra”. Sugerimos que o(a) professor(a) eleve o tom da voz e pronuncie a palavra de forma enfática, como uma ordem proferida com determinação, essa entonação inicial já induzirá o ouvinte a perceber que se trata de uma emergência, uma situação de fuga, ou a tentativa de vários animais de se salvarem do possível caçador sugerido pelo título.

A ação de correr é repetida por todos os personagens da história, remetendo o leitor a uma dinâmica constante, que vai sendo ampliada a partir do surgimento de cada animal. Toda essa movimentação demanda do(a) professor(a) um ritmo de leitura que remeta seus ouvintes à situação de fuga e, ao mesmo tempo, uma entonação que deixe clara a veracidade do sentimento de pavor vivido pelos personagens.

O emprego de estratégias de interação verbal por meio de elementos de intenção narrativa reúne recursos orais, como entonação e modulação da voz, pausa e inflexão – mudança de uma entonação para outra, de acordo com o contexto narrativo –, de modo que o uso desses recursos possa ampliar o sentido do texto, desde a sua apresentação.

O aspecto de humor provocado pela brincadeira expressiva entre texto e imagem pede do mediador uma constante elevação do tom de voz para apontar que se trata de um aviso de perigo que se encontra cada vez mais próximo. Sugerimos que as frases sejam pronunciadas de forma enfática, sem pressa, podendo ser usado o recurso da pausa entre uma palavra e outra, ampliando o sentido de aviso por parte do mediador, que estaria se dirigindo diretamente aos animais em fuga. A necessidade de mudança de uma entonação para outra, chamada de recurso de



inflexão da voz, pede que o mediador recorrentemente também faça o emprego de pausas, de forma que o ouvinte perceba os diferentes tipos de avisos sobre o mesmo perigo, bem como as indicações de comportamento dadas pelo narrador aos fugitivos.

Como é o caso da página 11, em que o narrador sugere: “Não faça um barulho sequer”. A frase merece que a modulação da voz seja baixa, justamente para remeter à ideia de sussurro, normalmente empregado no cotidiano como um pedido de silêncio. A aplicação desses recursos ampliará o sentido da história, tornando os campos expressivos que envolvem suspense e, depois humor, ainda mais amplos do começo até o fim.

Outro trecho que merece uma intenção narrativa marcada encontra-se na página 15, em que o narrador anuncia: “Pois quando eu abrir os meus olhos...”. Pelo fato de tratar-se de uma provável ameaça verbal, é interessante que essa entonação seja usada de forma bem clara. As crianças são capazes de reconhecer o clima expressivo pela entonação que o mediador emprega à frase, sem a menor necessidade de que seja interrompida a narrativa para explicar o que se passa na história em determinado momento. Como as possíveis ameaças se sucedem nas páginas 17, 19 e 21, sugerimos que amplie essa compreensão, elevando um pouco o tom da voz à medida que avança com a leitura, para que os ouvintes “sintam” verdadeiramente o medo do perigo vivido pelos personagens.

Nas páginas 22 e 23, surge a fala de um amedrontado elefante, em que mais uma vez é necessário aplicar uma inflexão clara, para marcar a passagem da voz de narrador que ameaça para um personagem amedrontado, que por sua vez avisa aos demais enquanto corre. Por fim, mais uma inflexão marcará a contagem numérica que surge na página 25, em que a voz que ameaçava agora apresenta a entonação comum da brincadeira conhecida como esconde-esconde ou pique-esconde, o grande segredo revelado, ou seja, não se trata de uma caçada e, sim, da brincadeira universal de procurar e encontrar os amigos escondidos, um jogo infantil que atravessa gerações.



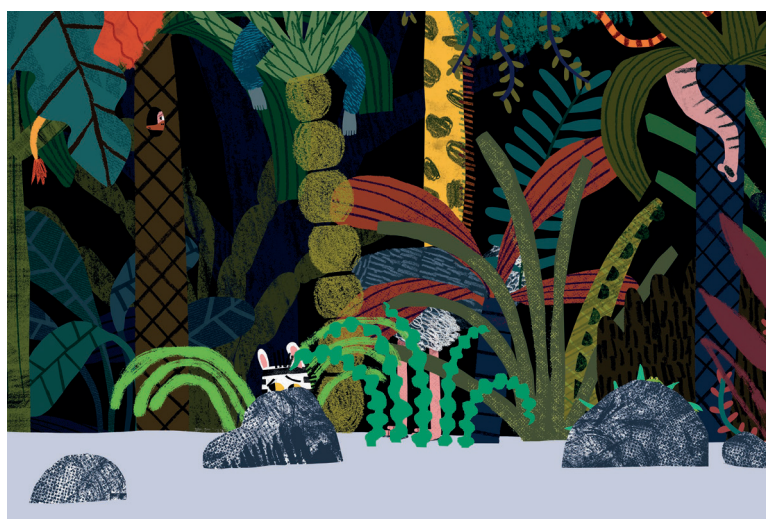
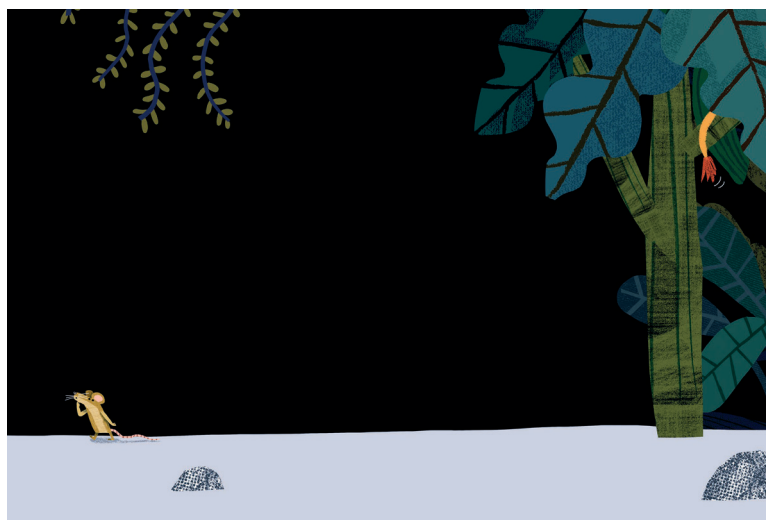
A contagem segue pausada até chegar ao número dez, na página 28, apresentado em letras grandes, sugerindo diretamente a necessidade de um grito do mediador. Para esse trecho, sugere-se um destaque especial por meio da elevação do tom da voz, já que se trata da transição para o desfecho da história.

O conflito da narrativa é resolvido nas páginas 28 e 29, em que, finalmente, está a grande revelação, apresentada pela quebra de expectativa do leitor, até então plenamente influenciada pelo título da obra. A grande virada do texto é justamente mostrar, por meio da imagem de um pequeno ratinho contando de olhos fechados, tratar-se de um jogo de esconde-esconde e não de uma caçada real e perigosa.



Vale ressaltar que essa descoberta torna-se evidente nas páginas seguintes, que, mesmo sem apresentar texto, revelam que os animais não fugiam de medo, e, sim, estavam apressadamente à procura de um bom lugar para se esconder. A revelação surpreende o leitor de forma criativa e bem-humorada.

Percebe-se durante toda a obra que texto e ilustração dialogam diretamente desde o princípio até o fechamento da história, as expressões de cada um dos animais, que a princípio pareciam de medo, tornam-se um detalhe muito especial para o enredo. Em muitas situações narrativas e de diagramação de obras literárias para crianças, é possível realizar a mediação sem necessariamente fazer uso concomitante das duas linguagens: texto e imagem. Porém, no caso do livro-álbum, como esta obra, torna-se quase impossível sua apreciação se o texto for separado da presentificação da imagem no momento da partilha.



Sugere-se apresentar cada uma dessas imagens finais por algum tempo, de forma que as crianças observem seus detalhes e compreendam esse aspecto da narrativa. Será o encerramento da leitura e ao mesmo tempo o marco para abertura da conversa mediada sobre a história que acabaram de fruir, ampliando as possibilidades de sua compreensão, enriquecendo o vocabulário linguístico e imagético e expandindo de forma potente seus campos de experiências.



V – OUVINDO, VENDO E VIVENDO A HISTÓRIA

(LEITURA DIALOGADA)

*Nas asas da leitura
o voo é livre,
e a liberdade segura.*
Sissa Jacoby

Como entre o livro e o leitor existe a sedução, entendemos que formar leitores é seduzir pessoas a lerem para além da materialidade do livro. Sendo um leitor adulto, a sedução pode ocorrer de diferentes modos: um título sugestivo, uma capa atraente, um assunto desejado, uma resenha lida ou mesmo uma indicação entusiasmada podem ser atrativos para trazer alguém à leitura por fruição. Sendo um leitor emergente, a sedução pode ser desenvolvida pelo entusiasmo com que se fala de um livro, por meio das conversas pré e pós-texto, dos olhares que se lançam durante a narrativa, do espaço escolhido para a leitura, das ilustrações partilhadas, da ambiência pensada para introduzir o livro, da voz que narra a história em voz alta, do que é vivido antes e após a leitura e de vários outros preparos sedutores.

Segundo Kleiman (1996, p. 24): “é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto”. A partir da reflexão da autora e seguindo as diretrizes da BNCC (2017), que indicam a necessidade de privilegiarmos a dimensão interacional, funcional, social e discursiva da linguagem com base no texto, o trabalho com literatura — pela própria natureza do texto literário e pelo lugar que ocupa na sociedade — deve contemplar atividades capazes de oportunizar, principalmente, situações de oralidade, leitura, compreensão e diálogos sobre o texto partilhado, sempre investindo no prazer encontrado na relação empática com a obra.

As práticas de compartilhamento de leitura favorecem o processo de letramento e ampliam o apreço pelo texto literário em espaços sociais de leitura. O recurso da leitura que promove diálogos pode ser vivido por meio de perguntas e respostas, entre professores e crianças, que tanto antes quanto depois da leitura em voz alta torna-se importante para a ampliação dos sentidos de cada história. Ao ler o livro *A caçada*, o(a) professor(a) pode fazer muitas perguntas às crianças:

- ▶ Quem aqui achou que os animais estavam correndo perigo? Por quê?
- ▶ Na opinião de vocês, quem não leu a história vai pensar que eles estavam fugindo de quem?
- ▶ Alguém já brincou de esconde-esconde?
- ▶ Quem aqui desconfiou de que era uma brincadeira?
- ▶ Qual dos animais parecia mais assustado?
- ▶ Se você fosse o autor Guilherme Karsten, que outros animais colocaria na história?

Por meio dessas e de outras questões, o mediador poderá explorar os aspectos interessantes desse texto tão envolvente, bem como poderá promover diálogos com outras obras, com outras histórias em que os personagens são animais, por exemplo. O que realmente consideramos importante enquanto recurso para uma proposta com literatura dialogada é o favorecimento da apreensão estética do texto literário no momento da leitura em voz alta, na abertura dos momentos de conversação sobre a obra ou em qualquer outra situação social.



VI – A HISTÓRIA E SEUS MÚLTIPLOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA

(MODELAGEM DA AULA)

Nesse trabalho de promoção de leituras frutivas, propomos que o mediador apresente a história de forma que as crianças conheçam o universo de referência do texto e, ao mesmo tempo, desejem saber o que acontecerá. Trata-se, na verdade, de uma apresentação, um convite para que o livro comece a ser apreciado antes mesmo da sua leitura em voz alta, ou seja, a magia começa antes da história, na modelagem da aula.

ANTES DA LEITURA

O momento inicial de contato com a obra vai além da sua predição, funciona como uma anunciação, um chamado para algo bom a ser vivido, ou seja, o início da condução às paisagens que cada história possui.

ESCUA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

A anunciação da história pode ocorrer por meio do canto: “Era uma vez uma linda história... Era uma vez... Era uma vez...” ou por meio de perguntas, da criação de adivinhas sobre a história e os personagens, da apresentação da capa de forma enigmática, de dicas sobre o enredo. Esses e muitos outros são convites para a entrada desse leitor-fruidor ao momento da apreciação.

DURANTE A LEITURA

A organização de conversas mediadas, por exemplo, pode contribuir ainda mais para dar sentido ao texto, sendo capaz de ampliar, para seus pequenos apreciadores, o potencial empático de cada história.

ESCUA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO

Dialogar sobre a história, seja por meio das perguntas do mediador, seja por meio de múltiplas expressões das próprias crianças, remete-nos aos momentos dos encontros ancestrais, vivências em que todos falam e ouvem e, assim, são inseridos de forma igualitária e sob o olhar uns dos outros.

Em uma proposta dialógica, os participantes vão muito além do aprendizado individual, pois em uma roda de conversa embalada pela recordação da emoção vivida com a história, fazem-se leituras de mundo, de situações, de normas, de comportamentos e de sentimentos; por meio das conversas, as crianças aprendem modos próprios de pensar e agir diante do mundo.

DEPOIS DA LEITURA

Os momentos pós-texto são oportunidades de vivenciar a história e seus múltiplos campos de experiência.

TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS

Sugerimos que explore o potencial de criação das crianças também por meio de desenhos. Peça para que eles deem continuidade à história com novas imagens, introduzindo outros animais, por exemplo. Você pode aproveitar a proposta e solicitar que imitem expressões de sentimentos diversos vividos por personagens nas histórias, como alegria, raiva e medo.

Grave os sons de diversos animais e deixe tocar em um lugar da sala para que as crianças tentem descobrir sua identidade a partir da audição. Após isso, grave os sons de algumas crianças da sala imitando os animais que conhecem.

CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS

Organize com as crianças uma brincadeira de esconde-esconde, peça para que a cada rodada criem diferentes regras para a mesma brincadeira, como esconder-se em duplas.

Habilidades da
BNCC mobilizadas:
EI02EF04; EI02EF05;
EI02TS03; EI02CG02.

VII – CONTA DE NOVO: UMA HISTÓRIA DE AFETOS EM FAMÍLIA

(LITERACIA FAMILIAR)

*Essa ciranda não é minha só
É de todos nós
A melodia principal de quem tira
É a primeira voz
Lui Coimbra*

Comprendemos que a experiência que envolve literacia, narração oral e mediação de leitura certamente contribui para o desenvolvimento psicossocial da criança e colabora para dar sentido à experiência com o texto literário, favorecendo à criança bem pequena a compreensão de vários aspectos referentes ao uso social da língua.

Literacia familiar promovida pelo(a) professor(a) nada mais é do que favorecer a oportunidade das crianças apreciarem uma obra com sua família. Essa experiência provoca a alegria da partilha prazerosa de uma relação entre a escola e a família.

Para essa ação, sugerimos propostas que possam ser vivenciadas e retornadas para a escola a fim de que as crianças compartilhem suas vivências literárias em família:

Família também escuta e conta história – promova uma reunião com as famílias para apresentar o projeto de leitura literária para que elas possam se envolver e contribuir com o trabalho a ser desenvolvido. Leia histórias para os familiares e desenvolva propostas de oralização e interação verbal.

Diário literário – envie para casa um convite sugerindo à criança que, com a ajuda da família, registre, por meio de desenho ou palavras, as impressões sobre *A caçada*, de Guilherme Karsten.

Chuva de palavras – envie uma proposta para a família instigar a criança a dizer livremente palavras e frases que expressem seus sentimentos e opiniões sobre o livro *A caçada*.

Brincando de orquestra do corpo – envie a imagem de um animal para cada aluno. Peça que brinquem de fazer em casa o som desse animal com os familiares e solicite o registro desse momento em um cartaz, que será utilizado para a produção de um mural na sala de aula.

Ampliando possibilidades para um leitor crítico – sugira que, após a leitura da obra, a família possa conversar sobre as questões ambientais que envolvem caçadas, bem como de que forma essa consciência pode contribuir para a

preservação de espécies animais ameaçadas. Que bom que era uma brincadeira e não uma caçada!

Livro vai para casa também — outra possibilidade de apreciação da obra no contexto familiar é solicitar que as crianças contem a história aos familiares, auxiliadas pelas imagens do livro. Da mesma forma que compreendemos que as ilustrações dão pleno sentido à história, os pequenos leitores emergentes conseguem muito bem partilhar o contexto narrativo por meio dessas imagens, favorecendo a interação do apreciador com a família, agora ocupando o lugar de narrador.

Habilidades da BNCC
mobilizadas: EI02EO04;
EI02CG05; EI02TS01; EI02EF01;
EI02EF03; EI02EF04; EI02EF06;
EI02ET03.



VIII – PARA FECHARMOS A RODA COM REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

E a literatura é lida por gente grande e gente pequena, por gente alta e por gente baixa, por gente gorda e por gente magra... Por gente que, quando está por baixo, se sentindo piquitinho, pega dum livro e logo está alto-astral.

Paulo Seben

A proposta aqui apresentada é que se possa investir nesse mediador, principalmente enquanto narrador oral, a fim de promover um destaque que envolve a sonoridade das palavras, a expressividade gestual e as múltiplas competências empáticas e relacionais, comumente associadas apenas aos contadores de histórias profissionais e que aqui buscamos partilhar de forma acessível.

O investimento em estratégias para apreciação das imagens também foi proposto enquanto mais um campo de experiência narrativa, apresentadas como outro destaque da proposta, justamente por fortalecer elementos de apreciação e de enriquecimento do repertório cultural desse leitor emergente. A proposta também indica oportunidades de conversas mediadas, antes ou depois da partilha oral e da apreciação de cada obra, como mais uma forma de ampliar essas situações de mediação, em que toda a riqueza expressiva da narrativa partilhada possa ser contemplada a partir da participação significativa das crianças e do que se entende por literatura dialogada.

Para Antonio Candido (1995, p. 243), a literatura favorece o conhecimento do mundo e do ser, já que é uma forma de representação de uma dada realidade social e humana, principalmente quando afirma que ela “possibilita ao homem viver seus problemas de forma dialética, tornando-se um ‘bem incompressível’, pois confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”. A proposta por nós desenvolvida teve sua fundamentação pautada neste e em outros autores que sustentam o argumento teórico do texto literário como fruição, bem como o trabalho com narrativas orais como espaço de mediação. Esperamos que todas essas vozes fortaleçam a sua.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos

e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a BNCC soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

Antonio Candido afirma que “a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação”. O livro do autor é indicado como uma leitura importante para o enriquecimento da atuação do professor enquanto mediador, pois apresenta uma compilação de textos dedicados ao universo da leitura literária. Nele, o autor reúne ensaios sobre a obra de importantes escritores da Literatura Brasileira do século XX, pautando-se em uma visão geral do lugar da literatura nas sociedades modernas. Trata-se de uma espécie de reivindicação do direito à literatura e o acesso a esse tipo de publicação por parte do professor favorece que o mesmo amplie os sentidos do seu trabalho enquanto mediador de leitura, bem como enriqueça seu próprio repertório de leituras literárias. O livro destaca que a interpretação do sentido de um texto literário ocupa um lugar preponderante para o leitor, seja qual for sua faixa etária.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: Do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.

A obra faz parte de uma série de entrevistas com grandes historiadores. No caso de Roger Chartier, autor mundialmente reconhecido por seus trabalhos sobre a história dos livros, principalmente em relação aos que envolvem o tema da leitura, identifica-se nos argumentos desse professor e especialista em História da Leitura uma revisita à história do livro desde seu início na Antiguidade até a era da navegação na Internet. Especificamente nesta obra, o autor destaca a importância de se ouvir leituras em voz alta, argumentando que se trata de uma ação que “alimenta o encontro com o outro”. A indicação de Roger Chartier como um autor de referência para o trabalho dos professores apresenta-se como um forte contributo para ampliação do capital intelectual e para a formação profissional de um mediador de leitura.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

Este outro livro do historiador francês Roger Chartier, reúne diversos ensaios sobre o fenômeno da leitura e da não leitura ao longo dos tempos, com destaque para a ampliação de diálogos a respeito da disseminação da alfabetização. Trata-se de uma obra de referência para a história da literatura, mais uma vez

organizada por esse autor que reúne, ao longo de sua trajetória, um trabalho significativo para o campo da história, principalmente da história da leitura. No livro *Práticas da Leitura*, Chartier dá continuidade à sua argumentação a respeito da leitura em voz alta no processo de formar leitores e afirma, de forma contundente, que a oralidade guarda “um saber ancestral que só resiste pela palavra viva, ou seja, na atuação do sujeito que lê em voz alta”. Visto que o trabalho com a oralização dos textos literários está identificado no manual como um forte recurso para o processo de formação de leitores, a obra de Chartier é identificada como referência para o trabalho do mediador de leitura literária.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria-análise-didática**. São Paulo: Ática, 1997.

Trata-se de uma obra que busca ampliar as discussões a respeito da leitura, tendo análises específicas sobre a literatura infantil e juvenil. A autora destaca que, para aprofundamento das percepções sobre o tema, faz-se necessário a reunião de conhecimentos, reflexões e críticas a respeito dos principais problemas suscitados por esse importante produto cultural, a produção literária. A leitura do livro de Nelly Novaes Coelho oferece uma maior compreensão de que, por meio das publicações destinadas à infância, é possível buscar novas soluções para a reintegração harmoniosa do que ela chama de “eu-mundo”, afirmando que se faz urgente a atuação do educador por meio da leitura literária, visto que, segundo a autora, trata-se de um bem cultural que favorece o enriquecimento do imaginário da criança e sua “possível descoberta da vida real, através do ouvir, ler, contar ou inventar histórias”. A recomendação da obra dialoga diretamente com conteúdos conceituais importantes para o processo de formação do professor mediador de leitura.

DALLA-BONA, Elisa Maria. **Leitura: o mundo além das palavras**. Curitiba: Instituto RPC, 2010.

A publicação *Leitura: o mundo além das palavras* é o primeiro livro do projeto *Ler e Pensar*, do jornal *Gazeta do Povo* (PR) e do Instituto RPC. A obra partilha uma experiência inovadora ao relacionar práticas desenvolvidas em sala de aula, por diversos professores do projeto, com ensaios produzidos por especialistas que contribuíram com o mesmo. A leitura do material tem potencial para promover uma série de reflexões envolvendo, principalmente, o incentivo à leitura por meio do uso do jornal em sala de aula. Ao abordar temas diversificados como: *Leituras, Literaturas e Escola; Alfabetização e Letramento; Apropriação da Leitura Crítica; Práticas de Leitura no Ensino Fundamental e*

outros; a obra configura-se como significativo recurso de estudo e de consulta para o professor que trabalha a leitura literária em sua sala de aula.

KAERCHER, Gládis. **E por falar em Literatura...** In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Org.). *Educação infantil: Pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

O capítulo destacado no manual encontra-se no livro *Educação Infantil: Pra que te quero?*, organizado por Carmem Craidy e Gládis Kaercher. A obra apresenta a atuação cotidiana de educadores de creches e pré-escolas, sob o argumento de promover diálogos a respeito das dimensões da educação e do cuidado; bem como, discute questões que envolvem a concepção de infância e da Educação Infantil, a organização do espaço físico e do tempo de permanência da criança nesse tipo de instituição. Especificamente sobre a presença da literatura infantil nesses lugares, em seu capítulo que apresenta um questionamento-título, Gládis Kaercher destaca a importância de que os aspectos lúdicos sejam considerados nos trabalhos com leitura literária, afirmando que é preciso ler com alegria e por diversão. Dessa forma, a indicação da obra para o trabalho do professor está ancorada, principalmente, nessa perspectiva de enfatizar a ludicidade e o deleite enquanto recursos importantes para a atuação do mediador de leitura literária.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** Campinas, SP: Pontes, 1996.

A perspectiva de promover uma maior interação disciplinar como forma de buscar melhores resultados no ensino e prática da leitura na escola é apontada como principal objetivo deste livro de Ângela Kleiman. A obra apresenta-se fortemente inspirada na inquietação manifestada por diversos professores que, embora preocupados com o fato de seus alunos sinalizarem não gostar de ler, afirmam desconhecerem recursos capazes de promover condições eficazes para o desenvolvimento do leitor em sala de aula. Sua indicação de leitura no manual se dá, principalmente, pela abordagem de incentivo às conversas mediadas sobre aspectos relevantes do texto partilhado. Dessa forma, o favorecimento de uma maior interação estabelecida entre os alunos e o professor enquanto leitor mais experiente é o principal argumento de sua indicação no manual.



IX – PARA (NÃO) CONCLUIR: LEITURAS COMPLEMENTARES

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. São Paulo: Global, 2003.

Este livro é a descrição de uma pesquisa realizada na Espanha, e contém informações históricas e elementos preciosos para análise e compreensão da produção editorial destinada à infância e juventude. Teresa Colomer produziu uma obra que certamente se tornará um clássico sobre o tema.

DALVI, Maria Amélia; JOVER-FALEIROS, Rita; REZENDE, Neide Luzia de (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

Como pensar as relações entre literatura e escola em tempos como os nossos? É possível (e mais: é desejável) potencializar a literatura na formação de crianças e jovens, pela via educacional? Que mudanças são necessárias? O que sabemos, podemos e queremos em relação às práticas escolares atinentes à literatura? Qual o papel da literatura na educação e, particularmente, na escola? Nas últimas quatro décadas, tem havido intensa discussão sobre literatura e educação e uma crítica ferrenha às práticas escolares de (não) leituras literárias. Ao contrário do ensino de língua – que, aos poucos, vai se renovando –, a literatura na escola resiste às mudanças e se vê relegada a lugar secundário e sem força na formação das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Com o refinamento das novas tecnologias e a adesão dos estudantes a elas, reforçam-se algumas problemáticas a partir das quais se tornou premente reunir neste livro professores e pesquisadores para pensar a respeito de: O que se ensinaria se de fato se “ensinasse literatura”? O que se ensina hoje na escola quando se ensina literatura, tendo como premissa que, quando dizemos “literatura”, estamos pensando no texto literário e não em outra coisa – como simulacros, resumos, história da literatura, estilos de época, conjunto de obras etc.?

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

Como trabalhar na escola - com inteligência e criatividade - o universo lúdico da literatura infantil? Ao escrever este livro, Maria Alice Faria não caiu na tentação de encarar a literatura como um objeto utilitário, de uso meramente

instrumental. A autora escolheu o caminho menos óbvio e, por consequência, mais desafiador e prazeroso para o professor. A proposta aqui contida não tenciona reduzir a literatura infantil apenas à abordagem pedagógica, mas, além disso, busca capacitar educadores e animadores de leitura para perceber toda a riqueza de detalhes típica dos livros para crianças. É, sobretudo, uma obra que expõe com extrema clareza ideias complexas: Como se estrutura a narrativa para crianças? Qual o papel do texto escrito nessas narrativas? Qual, por sua vez, o papel das ilustrações? Como eles se articulam? Como, enfim, transformar esses elementos básicos em trabalhos práticos, no dia a dia, com alunos das primeiras séries escolares? Um livro que nasceu da permanente inquietação de uma conceituada pesquisadora - mas também ávida leitora - de livros de ficção para crianças e jovens.

FEBA, Berta Lúcia Tagliari; SOUZA, Renata Junqueira de (orgs.). **Leitura literária na escola: Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

As criações recentes, de que se ocupa essa publicação (as histórias em quadri-nhos, os livros de imagens, as narrativas curtas e os livros-brinquedo) como que rompem com os limites do livro, valendo-se do cruzamento de códigos vários para contar uma história e promover uma experiência de leitura lúdica às crianças. Nesse sentido, elas quebram os protocolos tradicionais e apontam para outras alternativas de interação entre textos e leitores. De certo modo, há uma recuperação da relação original do ser humano com a arte: novas linguagens que se aliam às palavras são feitas de cores e formas, luzes e sombras, movimentos e balões, alterando o conceito de livro infantil e restaurando a liberdade do contato prazeroso com o objeto estético. Talvez aí residam as razões de terem caído tão bem no gosto do público.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A função da literatura na escola. Resistência, mediação e formação leitora**. São Paulo: Parábola, 2021.

Os estudos que compõem a função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora pressupõem que uma reflexão sobre o ensino da literatura e a formação do leitor não pode vir desacompanhada da análise dos rumos da sociedade brasileira, examinada em contexto abrangente, vale dizer, internacional. Não por outra razão, “resistência” é palavra-chave no volume que reúne os ensaios de Ana Elisa Ribeiro, Ester Calland de Sousa Rosa, Maria Amélia Dalvi, Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo e Patrícia Corsino. É também palavra de ordem, pois é em nome da luta em favor da presença da literatura em sala de aula e na vida escolar que o livro se organiza.

MORAES, Fabiano; SANTOS, Fábio Cardoso dos. **Alfabetizar letrando com a literatura infantil**. São Paulo: Cortez; 2014.

Com o objetivo de sugerir práticas de letramento literário para crianças em processo de alfabetização, neste livro, os autores destacam características específicas da literatura infantil (como seus aspectos lúdico e onírico), apresentam a trajetória desse gênero literário, ressaltam a sua importância no processo de tradução de saberes e de reinvenção do mundo e revisitam criticamente clássicos infantis. Também são apresentadas propostas de atividades a partir de versões contemporâneas dos clássicos, de livros que contribuem com a transformação do sujeito e do mundo e de obras da literatura infantil que dialogam com outros gêneros do discurso.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2006

Neste livro de ensaios de Regina Zilberman todos os que estão ligados a livros infantojuvenis (professores, estudantes, pais e autores) encontrarão elementos riquíssimos para redimensionar o papel da literatura infantil nos dias atuais.